

As minhocas...

Afirmáramos nós que o extinto jornal franquista *Correio da Manhã*, redigido na sua parte politica pelo doutor Anibal Soares, o proprio doutor Minhoca que hoje dirige o *Nacional*, orgão politico do integralismo poetico, se fizera de gôrra com o *bloco*, quando este se abalançara a uma longa e porfiada campanha de difamação contra o proprio lar doméstico do snr. D Manuel de Bragança, ao tempo rei de Portugal, e de sua mãe, a rainha viuva snr.^a D. Amelia de Orléans. Por sinal, recordemo-lo mais uma vez, que tal campanha mereceu um indignado artigo do snr. António José de Almeida na sua revista *Alma Nacional* e que há poucos dias ainda transcrevemos nas colunas da *República* a titulo de oportuna documentação. Pois, senhores, o pobre *Minhoca*, não sabendo como defender-se da ignominia em que então caiu e temendo, talvez com razão, que o nosso jornal possa chegar ás mãos do pretendente de Richmond, de quem elle se faz passar como sendo o recta-pronuncia, desafiá-nos a que reproduzamos do «*Correio da Manhã*» quaesquer passagens dessa famosa campanha.

E' aqui que voltaram a trabalhar-lhe dentro da caveira aquelas *minhocas* que elle confessa ter apanhado em Coimbra e que lhe occupam a cavidade em que toda a outra gente traz os miolos. Como nós dissessemos que elle *andara de braço dado* com os difamadores da Familia Real ao tempo em que elles se empenhavam em tal difamação, o pobre *doutor Minhoca* decerto por comprehensivel deficiencia de espirito—ou não tivesse elle os tais vermes a substituir-lhe o cerebro!—concluiu que nós asseveramos ter sido o *Correio da Manhã* o difamador! Não foi, repetimo-lo mais uma vez; mas a sua moralidade avalia-se por consentir sem um protesto que tal difamação se fizesse e, ainda mais, por se aliar por conveniencia de interesses transitorios com os difamadores, sancionando assim com a sua muda aquiescencia a ignobil campanha. Não difamava a Familia Real, mas, na occasião, não lhe desconvinha que ela fosse difamada. E, por isso, deixava as torpezas correrem livremente seu curso...

E de que quilate elas eram pôde bem avallar-se pelo seguinte *Boletim do Palácio* inserto num dos nu-

meros do *Liberal* de 1910, artigo tão extraordinário que chegou a merecer comentários na imprensa inglesa:

O snr. Wenceslau de Lima, leal conselheiro de El-Rei, passou a noite de ontem em Lisboa. Vindo de tarde da Pena, sua ex.^a teve uma conferencia com o snr. ministro das obras publicas, depois jantou no seu palacete e em seguida deu uma pequenina volta pelas ruas de Lisboa, até que ás 8 horas da noite subiu o *Chiado* para recolher a Penates.

O leal conselheiro de S. Magestade traía, bem vincadas no rosto e nas olheiras fundas, onde saltam uns olhinhos gaiatos, as grandes fadigas em que se meteu.

Dormiu a noite de um sono só. De manhã, já fresco como um botão de rosa, começou a ter saudades daquela linda e pujante princesa... a Cintra que lord Byron cantou nas horas de encantamento e inspiração.

O leal conselheiro tem ainda, segundo se diz, os arrebatamentos de um namorado, de um noivo em plena lua de mel, e nessa conformidade muitos parabens a s. ex.^a

Ora Cintra, com o seu castelo dos Mouros, onde Camões ajoelhára aos pés de uma Infanta a declarar-lhe o seu amor e com o seu *Palácio da Pena*, cortado de medievais ameias enegrecidas, tem para o leal conselheiro de El-Rei, como os que para ali vão noivos, uma grande atracção, sobretudo nesta epoca em que os arvoredos são frondosos e cantam amores ás aves e os namorados na terra. Ele lá foi passar hoje o dia e outra noite feliz, naqueles perfumados aposentos da corte.

Escrevia-se isto na folha progressista *O Liberal*, que tinha como director o deputado Alexandre de Albuquerque, e de que era proprietario o ministro de estado honorário e deputado snr. António Cabral, um dos actuais dirigentes do Centro Monárquico há dias inaugurado, o qual tem por orgão official na imprensa precisamente *O Nacional*, dirigido pelo doutor *Minhoca*. Cabe-nos, portanto, agora a vez de desafiar o doutor *Minhoca* que nos aponte no *Correio da Manhã*, de que elle era redactor politico, qualquer repulsa contra tão rastejante e visquenta prosa. Não será capaz disso, pois, como dissemos, andava elle ao tempo nas melhores avenças politicas com os difamadores do régio lar, do que talvez elle se tivesse já esquecido.

"A República" 27 abrie "1915"

Ora nos não estranhámos tais esquecimentos no doutor Minhoca, perfeitamente compreensíveis para quem, como nós não é leigo em sciencias medicas, e leu o seguinte soneto de *Minhoca*, publicado sob o pseudónimo Mario Sá Carneiro, nêsse nunca assaz celebrado *Orfeu*, o órgão poético do integralismo político:

*Esquivo sortilegio o dessa voz, opiada
Em sons côr de amaranto, ás noites de incertesa,
Que eu lembro não sei d'Onde—a voz de
uma Princesa
Bailando meia núa entre clarões de espada.*

*Leonina, ela arremessa a carne arroxeadá;
E bebada de Si, arfante de Beleza,
Acéra os seios nús, descobre a seco...
Resa
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...*

*Entanto nunca a vi, mesmo em visão. Sómente
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne—a carne inexistente...*

*E' só de voz-em cio a bailadeira astral—
E nessa voz-Estatua, oh! nessa voz total,
E' que eu sonho esvair-me em vícios de marfim...*

Por isso é que nós não nos admiramos, baseados em sólidas razões scientificas, de que quem andou em Coimbra a aprender a fazer isso, tenha assim esses largos buracos na memória que o levem a esquecer-se dos seus actos e das suas companhias de outros tempos, embora não muito distantes ainda...

A Republica 27 ab. (cont.)

Foram estas as proprias palavras que com a ponta da navalha traçou nas columnas da *Republica*.

Dissémos-lhe que mentia vilmente, e desafiámo-lo a reproduzir o que o *Correio da Manhã* tivesse escripto contra Suas Majestades, sob pena de o termos como um simples e despresivel calumniador.

O parlapatão responde-nos transcrevendo longas passagens... do *Correio da Manhã*? Não: do *Liberal*!!!

Do *Liberal*, sim senhores!

E diz que o *Correio da Manhã*, tinha responsabilidade n'essas campanhas do *Liberal*, porque... sancionava com a sua muda acquiescencia a ignobil campanha!

Basta!...

Esta dura profissão da imprensa obriga-nos a discutir algumas vezes com jornalistas bem desavergonhados; mas não poderá forçar-nos a discutir com verdadeiros apaches.

Se este individuo, antigo ministro, chefe de partido, vulto proeminente da *Republica*, nos accusa de andarmos associados a campanhas de difamação; e, quando lhe dizemos que mente, vem allegar que a nossa participação n'essas campanhas, reaes ou suppostas, consistia... em as vermos fazer nos outros jornaes, nós não podemos ter mais por elle senão o desprezo a que se votam creaturas completamente desprovidas do mais leve senso moral.

Tão desprovido de senso moral, tão inconsciente, tão garoto, que á mistura com estes assumptos—que para todo o homem de bem, mesmo de mais modesta esphera, são as-

sumptos graves—mette graçolas, como a da nossa collaboração n'um *Orfeu*, que não sabemos o que é, a attribuição ao nosso director, em tom humoristico, de poesias que elle nunca viu, e outras pachochadas de quem não tem a mais ligeira noção do que é ser encontrado em flagrante delicto de calumnia, e de calumnia tão miseravel como a que elle lançara contra nós!

O chefe de partido, o antigo ministro, o vulto!

Pois fique a afocinhar na sua torpeza, que nós, e os leitores, estamos edificados sobre os seus processos e a sua lealdade. Este incidente é dos que lhe hão de ficar soldados á perna como uma grilheta, para toda a sua vida.

O apache!

Que regimen! Que Republica—e que republicanos...

Que esterquilinio!

O Nacional,

O "apache"

ANTONIO ZR'—depois de confessar que o apanháramos em falso (sic) na sua affirmação de que o *Illustrado* tinha feito com o blóco campanhas de diffamação contra as Pessoas Reaes — assegurou caluniosamente que o *Correio da Manhã* andára de braço dado com o blóco n'essa campanha de diffamação das pessoas de D. Manuel e da Rainha sua mãe.



28 ab. 1915
O Nacional